

As Tecnologias de Informação e Comunicação e a Formação ao Longo da Vida:

Um estudo em populações 50+

Information and Communication Technologies and Lifelong Learning:

A population study 50+

Gina Páscoa

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Universidade de Lisboa
Lisboa, Portugal
ginapascoa@hotmail.com

Henrique Gil

CAPP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Escola Superior de Educação
UL & IPCB
Lisboa, Castelo Branco, Portugal
[hteixeiragil@ipcbr.pt](mailto:h Teixeiragil@ipcbr.pt)

Resumo — O impulso à crescente integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação conheceu um significativo reerudescimento por ocasião da emergência e popularização da noção da Sociedade da Informação e do Conhecimento. Atendendo às novas realidades sociais, resultantes do envelhecimento da população é estimulante o debate e a subsequente ação política para definição de políticas públicas destinadas à rápida adequação multidimensional desta problemática e à nova forma de organização social. Atualmente a resolução de problemas num contexto de maior respeito pelos direitos da população sénior é fundamental, tendo em conta um novo paradigma de intervenção com maiores oportunidades de formação ao longo da vida, participação social e melhor qualidade de vida para estes cidadãos. Neste contexto, surge este estudo, que se insere num projeto de investigação, que tem como objetivo geral identificar os fatores socioculturais que influenciam e condicionam a escolha na aprendizagem das TIC, em populações 50+ e conhecer os impactos no bem-estar destas populações ao longo do processo de envelhecimento. Os resultados obtidos poderão sensibilizar a sociedade civil para a importância da aprendizagem ao longo da vida em geral e para a aprendizagem das TIC em particular.

Palavras-Chave - TIC; Envelhecimento; População Sénior; Formação ao Longo da Vida; Bem-estar.

Abstract — The impetus for increased integration of Information and Communication Technologies (ICT) in education has experienced significant upsurge during the emergence and popularization of the concept of the Information and Knowledge Society. Given the new social, resulting realities of an aging population is stimulating debate and subsequent policy action to define public policies aimed at fast multi-dimensional problem and the appropriateness of this new form of social organization. At present solving problems in a context of greater respect for the rights of the senior population is crucial, taking into account a new paradigm of intervention with greater training

opportunities lifelong learning, social participation and quality of life for these citizens. In this context, this study, which is part of a research project that has as main objective to identify the sociocultural factors that influence and affect the choice in ICT learning in populations 50+ and know the impacts on the well-being of these populations appears to during the aging process. The results may to move the civil society of the importance of lifelong learning in general and learning of ICT in particular.

Keywords – ICT; Ageing; Senior Population; Lifelong Learning; Well-being.

I. INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento tem sido um facto que tem vindo a ser incrementado, em especial, nas últimas décadas. As principais razões podem estar diretamente relacionadas com a diminuição da taxa de fecundidade e pelo aumento da longevidade associada a maiores e melhores cuidados médicos e também pela incorporação de hábitos de vida mais saudáveis. Porém, observa-se uma grande heterogeneidade entre as pessoas, a nível do seu processo de envelhecimento, e a própria dimensão deste fenómeno desencadeia uma consciência inquietante da necessidade de se intervir junto da população, colocando o envelhecimento como macro-tendência e como problema social que a sociedade civil e o Estado têm de enfrentar nos próximos anos. A Sociedade da Informação e do Conhecimento, tem vindo a consolidar, cada vez mais, uma maior tendência para incluir, em todos os domínios sociais plataformas digitais. Como consequência, todos os cidadãos vêm adotando comportamentos que os influenciam a utilizar ferramentas digitais. Para que estes novos comportamentos se possam efetivar é fundamental que todos os cidadãos dominem estas ferramentas digitais, ou seja, tenham níveis aceitáveis de literacia digital que lhes permitam ser considerados como cidadãos infoincluídos. Atualmente, existem grupos que ainda

são infoexcluídos e, como tal, encontram-se afastados do ponto de vista digital. Vários estudos e relatórios internacionais e nacionais demonstram que o grupo de cidadãos infoexcluídos é constituído por maioritariamente pelas mulheres, pelos desempregados, por pessoas com baixas habilitações literárias e pelas camadas mais maduras da população, que já apanharam a explosão do progresso das novas tecnologias tardiamente.

Com a introdução das TIC, mudou-se o modo de acesso à produção de conhecimento, a utilização do computador e da Internet tornou-se, não só, num imperativo dos sistemas ensino-aprendizagem, como condição de inclusão de todos os cidadãos. Contudo, deve-se atender ao facto que a população sénior tem vindo a aumentar nas últimas décadas e é importante e fundamental que se promovam medidas e condições para que se inverta a presente situação. Sendo assim, é urgente promover a infoinclusão dos seniores através de uma formação que lhes permita aceder e utilizar as TIC. Não se trata apenas de uma infoinclusão, mas, essencialmente, de uma inclusão social de modo a que os seniores se sintam verdadeiramente integrados na presente sociedade cada vez mais digital e global.

A formação ao longo da vida ou aprendizagem ao longo da vida (ALV) e os fatores socioculturais inerentes em combinação com as abordagens propostas pelas políticas de educação de adultos podem ser ampliadas e mais bem-sucedidas através de um contexto digital com as TIC. Todos estes desafios não podem ser enfrentados apenas pelo Estado Social, exigindo uma ressocialização da sociedade civil, sendo necessário investir em políticas públicas de educação e formação mais ativas no campo da qualificação do capital humano, e promover ações de *empowerment* através das TIC, que intensifiquem a capacitação resiliente da população sénior, tornando a geração *grisalha* um parceiro social.

II. ESTADO DA ARTE

A. Envelhecimento

Perante a dimensão do envelhecimento demográfico, as coortes etárias mais velhas representam uma proporção substancial da população mundial. Na Europa, espera-se que até 2030 a parcela da população sénior atinja os 30% e que o número de pessoas com oitenta e mais anos quase triplique até 2060 [1]. Numa perspectiva política, a tendência para o aumento de longevidade e envelhecimento demográfico, constituem não só desafios como também oportunidades de intervenção social [2] - [3]. Nas sociedades contemporâneas urge medidas que combatam a exclusão social e digital, mantenham a solidariedade intergeracional e providenciem a cidadania plena [4].

A temática do envelhecimento está claramente inscrita na agenda internacional. Desde a Organização das Nações Unidas (ONU), através da Organização Mundial de Saúde (OMS), até à Comissão Europeia (CE), passando pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), todas estas entidades promovem iniciativas que visam alertar as sociedades para os problemas do envelhecimento e definir

medidas suscetíveis para dar corpo às políticas públicas vocacionadas para a resolução desses problemas. O quadro dos princípios e orientações elaborado por estas organizações é conhecido por envelhecimento ativo e constitui, presentemente, um paradigma necessário para entender as questões que o envelhecimento coloca às sociedades e as soluções que devem ser desenvolvidas. A definição avançada pela OCDE é talvez a que tem um espectro mais amplo. Segundo esta organização, o envelhecimento ativo pode ser entendido como “(...) a capacidade das pessoas que avançam em idade levarem uma vida produtiva na sociedade e na economia (...)” [5]. Esta definição realça a necessidade de prolongar a condição de ativo, desde que as condições de exercício profissional possam acompanhar os condicionalismos resultantes do processo de envelhecimento.

Existem boas razões económicas para os governos, as organizações e a sociedade civil implementarem políticas de envelhecimento ativo. Numa perspectiva multidimensional, procura-se não só o bem-estar físico, como também o bem-estar mental e social, intimamente relacionado com o exercício da cidadania, experiência de inclusão e serviços adaptados às necessidades e preferências das pessoas mais velhas [6]. Em Portugal, a maioria dos estudos sobre envelhecimento evidenciam baixas pensões, pobre saúde, dificuldades na habitação, altos níveis de pobreza e solidão. A maioria das pessoas com mais de sessenta e cinco anos tem baixos níveis de literacia, em particular, literacia digital. Sabe-se também que as políticas sociais são incipientes e insatisfatórias, considerando as necessidades do envelhecimento [7] – [8] – [9]. Nestes últimos anos, as pesquisas têm-se debruçado sobre o envelhecimento sob vários pontos de vista e as abordagens anteriores convergem para determinados padrões e paradigmas do envelhecimento [10], que têm sido desenvolvidos nos últimos anos: envelhecimento saudável, bem-sucedido, produtivo e ativo. O estudo do envelhecimento deve assentar numa abordagem global que contemple as relações entre os múltiplos aspetos que o integram, como a vida familiar, o emprego, a educação, a integração social, a saúde, a qualidade de vida, sem esquecer os preconceitos associados à idade – idadeísmo.

O processo de envelhecimento é um processo heterogéneo devido às diferentes histórias de vida de cada sénior, tendo em conta os seus percursos familiares, laborais, sociais, académicos, económicos, fazendo com que cada um, tenha uma singularidade própria. Por esta razão, terão também que existir diferentes formas e diferentes contextos de aprendizagem. As próprias políticas que promovem o envelhecimento ativo conheceram recentemente, um novo impulso com base no documento *Europe 2020. A Strategy for Smart, Sustainable and Inclusive Growth*, onde se destaca “(...) o desafio de promover um envelhecimento saudável e ativo, permitindo a coesão social e uma maior produtividade, através da promoção da aprendizagem ao longo da vida, da participação em atividades produtivas durante a reforma, assim como fora do mercado de trabalho e em atividades saudáveis (...)” [11]. A literatura põe também em evidência a relação

entre a aprendizagem ao longo da vida e a participação social e os níveis de bem-estar que dela resultam [12]. O capital social associado a esta participação é analisado tendo em conta a pertença associativa, a participação em atividades organizadas para os reformados e para a chamada “terceira idade”. Estas atividades podem ser organizadas por entidades, tais como Igreja/Centros Paroquiais, Coletividades Recreativas, Serviços da Câmara Municipal ou Juntas de Freguesia Universidades Seniores, Centros de Dia, Instituições Particulares de Solidariedade Social, entre outras.

B. TIC e Formação ao Longo da Vida

Relativamente à aprendizagem ao longo da vida, vários autores, tais como Rogers (1983), Knowels (1984), Freire (1989) e Mezirow (1991), defendem teorias sobre a educação de adultos, em que focalizam a ideia de que a experiência nesta faixa etária assume um papel muito importante no processo de aprendizagem. A título de exemplo, no ano 2000, no âmbito do Conselho Europeu de Lisboa, foi emitido o *Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida*, que aponta que os estados devem “(...) providenciar oportunidades de aprendizagem ao longo da vida tão próximas quanto possível dos aprendentes, nas suas próprias comunidades, e apoiadas, em estruturas digitais (TIC)” [13]. A centralidade da sociedade em rede também tem vindo a acentuar várias desigualdades entre países, grupos e pessoas no que diz respeito ao acesso às TIC, nomeadamente a utilização do computador e Internet. No caso da população sénior, ser excluído digitalmente, significa simultaneamente, não ter acesso e não poder executar um conjunto de ações essenciais para as suas necessidades básicas diárias [14].

A formação dos seniores, neste âmbito, emerge assim como um meio de alcançarem uma maior autonomia, participação social, conhecimentos, desenvolvimento pessoal, a par de aptidões concretas que possibilitem o seu relacionamento com outros indivíduos e permite-lhes ainda desfrutar do tempo de forma diferente após a saída do mundo profissional ativo [15]. De acordo com [16] a menor adesão às TIC, entre os mais velhos, pode-se explicar, por um lado, pela iliteracia no que diz respeito ao seu uso e manipulação, mas também ao facto da maioria dos seniores terem baixos rendimentos e o uso dos equipamentos e serviços associados às TIC serem dispendiosos. Neste sentido, a União Europeia e cada um dos seus países membros tem vindo a tomar medidas e iniciativas que consigam conciliar o nível de envelhecimento com a utilização das TIC, através da implementação de políticas de inclusão digital.

Apesar de em Portugal, em 2012, se assistir a um aumento dos agregados domésticos que dispõem de acesso ao computador (60%) e Internet (54%) em casa, a sua utilização ainda é diferente consoante os escalões etários, sendo que o grupo etário dos mais velhos (65-74 anos) é o que utiliza menos as referidas tecnologias [17], embora se verifique uma tendência para o incremento do seu uso em 2011 e 2012, como se pode verificar na Tabela I.

Tabela I. Utilização do Computador e Internet em % por grupo etário

Grupo etário	Computador		Internet	
	2011 %	2012 %	2011%	2012%
Total	55,4	58,6	51,1	54,3
16-24	94,0	95,0	89,3	92,7
25-34	82,1	85,2	79,2	82,1
35-44	66,9	72,9	62,4	70,5
45-54	46,7	50,5	40,6	45,7
55-64	32,0	31,3	27,7	28,3
65-74	12,7	13,9	10,4	12,5

Fonte: [17]

A revisão da literatura, para além de mostrar que os seniores estão recetivos à aprendizagem das TIC na envolvente da formação ao longo da vida, revela também que as TIC lhes podem trazer diversos benefícios: aumento da qualidade de vida [18] - [19], meio prático e rápido para comunicar [20], aumento da autoestima [21], diminuição do sentimento de solidão [22] - [23] e aumento do bem-estar ao longo do processo de envelhecimento [24].

C. Bem-estar ao longo do processo de envelhecimento

Neste sentido, George [25], elege como tema central a questão do bem-estar subjetivo (BES) em idade avançada, partindo de uma revisão de literatura sociológica e psicológica, sobretudo da última década. A autora começa por referir que a utilização deste termo é imprecisa, aparecendo frequentemente como sinónimo de felicidade, bem-estar psicológico, afeto positivo e ânimo. A questão distintiva é a estabilidade do estado, sendo a satisfação com a vida uma componente cognitiva mais estável para definir este conceito, enquanto a felicidade seria mais dependente do humor e menos cognitiva. Para [26], a idade, o género, a educação, estado civil, rendimento são importantes na previsão do BES. Ainda [27], acrescenta BES como o grau de julgamento do indivíduo da sua qualidade de vida como um todo, com vista a atingir metas ao nível da melhor eficácia na aprendizagem, memória e aptidões intelectuais com o objetivo de melhorar a formação ao longo da vida.

III. METODOLOGIA

A. Questão de Investigação

Quais os fatores socioculturais que influenciam a escolha na aprendizagem das TIC e os impactos no bem-estar ao longo do processo de envelhecimento?

B. Participantes

Populações com 50+ anos em situação de formação nas Universidades Seniores do distrito de Castelo Branco.

- O público-alvo é caracterizado por 5 associações: 2 designadas por “Universidade Sénior” e 3 designadas por “Academia Sénior” localizadas no distrito de Castelo Branco, que é um distrito marcado pelo envelhecimento populacional.
- Estas associações são tuteladas pelas autarquias, que cedem as instalações, funcionam todas fora do sistema escolar, mantêm-se fiéis aos princípios básicos da aprendizagem não formal.
- A maioria das disciplinas que encontramos são comuns a todas as universidades seniores, de salientar que atualmente a disciplina mais popular é a informática, e os professores de todas as disciplinas são voluntários. Estas associações, são um projeto multifacetado que envolve a componente humana, social, a saúde e a educação e formação para e pelos mais velhos.

C. Técnicas de Investigação

Como refere [28], o inquérito por questionário “(...) é uma técnica de observação não participante que se apoia numa sequência de perguntas ou interrogações escritas que se dirigem a um conjunto de indivíduos (inquiridos), que podem envolver as suas opiniões, as suas representações, as suas crenças ou várias informações factuais sobre eles próprios ou o seu meio (...)”o que se enquadra nos objetivos desta investigação. Para [29], a entrevista é levada a cabo por uma pessoa, o contacto entre entrevistador e entrevistado, possibilita que o primeiro possa adaptar às questões e/ou pedir informação adicional sempre que tal se revele importante, e é precisamente a sua flexibilidade que a individualiza relativamente a outras formas de inquérito.

Os instrumentos de recolha de dados que serão usados nesta investigação, são os seguintes:

- Aplicação de um inquérito por questionário à população com 50 + anos que aprende TIC;
- Aplicação de um inquérito por questionário à população com 50 + anos que não aprende TIC;
- Realização de entrevistas semiestruturadas: a um professor de informática de cada universidade sénior, a um diretor de cada universidade sénior e também a alguns seniores que já aprenderam TIC.

A Tabela II mostra a relação entre os objetivos específicos e as técnicas de recolha de dados, que irão ser utilizadas para a concretização dos mesmos.

Tabela II. Relação entre Ojetivos específicos e Técnicas de recolha de dados

Objetivos específicos	Técnicas de recolha de dados
O1. Caracterizar a população 50+ ligada à aprendizagem das TIC sob o ponto de vista das variáveis sociodemográficas.	Inquérito por questionário
O2. Caracterizar o perfil da população 50+ que aprende TIC.	Inquérito por questionário
O3. Caracterizar o perfil da população 50+ que não aprende TIC.	Inquérito por questionário
O4. Conhecer a perceção da população 50+ relativamente aprendizagem das TIC.	Entrevista semiestruturada
O5. Conhecer as competências digitais da população 50+ que já aprendeu TIC e sua aplicabilidade no quotidiano.	Entrevista semiestruturada

Fonte: Elaboração própria

IV. RESULTADOS ESPERADOS

Prevemos que o estudo possa identificar os fatores socioculturais que influenciam a escolha na aprendizagem das TIC e conhecer os impactos que esta aprendizagem tem no bem-estar dos cidadãos com mais de 50 anos. Esperamos sensibilizar a sociedade civil para a importância da aprendizagem ao longo da vida em geral e para a aprendizagem das TIC em particular e destacar o contributo desta aprendizagem na qualidade de vida desta população sénior. Deste modo, esperamos vir a concluir como a aprendizagem das TIC pode ter um importante papel social na promoção do envelhecimento ativo.

REFERÊNCIAS

- [1] European Commission, Demographit report 2010. Older, more numerous and diverse Europeans. Commission staff working document, 2011.
- [2] Blomm, et al., “Population ageing and economic growth”. *Working paper*, no. 32, pp. 20-32, 2008.
- [3] Hendry, et al., “A survey of local health promotion for older people”. *Public Health*, no. 8, p. 217, 2008.
- [4] A. Walker, “Ageing in Europe: policies in harmony or discord?”. *International Journal of Epidemiology*, no. 31, pp. 758-761, 2002.
- [5] OCDE, “Maintenir la Prospérité dans une Société Vieillissante”, 1998. [Online]. Available: <http://www.oecd.org/dataoecd/pdf> . [Accessed: 25-01-2014].
- [6] A. Fernandes, “Velhice, solidariedades familiares e política social. Itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, no. 36, pp. 39-52, 2001.
- [7] A. Fernandes, *Questões demográficas: demografia e sociologia da população*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.
- [8] H. Gil and F. Amaro, e-inclusão: «dos 7 aos 77 anos». In: *Atas do 61st International Council for Educational Media and the XIII International Symposium on computers on Education*, 2011, Aveiro, pp. 60-65.
- [9] C. Paúl, Tendências atuais e desenvolvimentos futuros da gerontologia. In: C. Paúl & O. Ribeiro (Coord.). *Manual de Gerontologia* (pp. 2-15). Lisboa: Lidel, 2012.
- [10] A. Walker, Envejecimiento e ciudadanía. In: *Atas do III Congresso Internacional, Personas Mayores, ciudadanía y empoderamiento: De la investigación a la acción*, 2012, Santiago do Chile, pp. 77-83.

- [11] Silverstein and Parker, "Leisure activities and quality of life among the oldest old in Sweden", *Research on Aging*, no. 42, pp. 528-547, 2002.
- [12] K. Hank and H. Kunemund, "The social connectedness of older Europeans: patterns, dynamics and contexts", *Journal of European Social Policy*, vol. 19, no. 4, pp. 327-340, 2009.
- [13] Comissão das Comunidades Europeias, "Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida", 2000. [Online] Available <http://www.alv.gov.pt/dl/memopt.pdf>. [Accessed: 31-01-2014].
- [14] R. Espanha, Saúde e comunicação numa sociedade em rede – o caso português. Lisboa: Monitor, 2009.
- [15] J. Vallespir and M. Mercé, A participação dos idosos na sociedade: integração vs segregação. In A. Osório & F. Pinto (Coord.). *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção educativa* (pp. 225-251). Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- [16] I. Dias, O uso das tecnologias digitais entre os seniores: motivações e interesses, *Sociologia, Problemas e Práticas*, no. 68, pp. 51-77, 2012.
- [17] INE, Estatísticas Sociais. Lisboa: INE, 2012
- [18] G. Páscoa, O contributo da Web social – rede social Facebook – para a promoção do envelhecimento ativo: estudo de caso realizado na USALBI. Dissertação de Mestrado em Política Social. Lisboa: ISCSP, 2012.
- [19] G. Páscoa and H. Gil, Redes Sociais como complemento da aprendizagem ao longo da vida: As universidades seniores e a web 2.0. In: *Atas da Conferência Ibérica em Inovação na Educação com TIC*, 2012, Bragança, pp. 96-108.
- [20] H. Gil, "e-Saúde: Apenas uma conjugação entre Tecnologia & Saúde?!. O caso das pessoas mais idosas". Comunicação apresentada nas V Jornadas sobre Tecnologia e Saúde. Guarda: Instituto Politécnico, 2012
- [21] V. Kachar, Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.
- [22] A. Pires, Efeitos dos videojogos nas funções cognitivas da pessoa idosa. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Medicina, 2008.
- [23] B. Neves and F. Amaro, "Demasiado velho para a tecnologia. Como os idosos de Lisboa usam e percebem as TIC?", *Jornal de Informática Comunitária*, no. 8, pp. 1-19, 2012.
- [24] Verona, et al., "Percepção do idoso em relação à Internet", *Temas em Psicologia [Revista Online]*, vol. 14, no. 2, pp. 189-197, 2006.
- [25] L. George, "Still happy after all these years: research frontiers on subjective well-being in later life", *Journal of Gerontology: Social Sciences*, vol. 65, no. 3, pp. 331-339, 2010.
- [26] M. Pinquart and S. Sorensen, "Influences of socioeconomic status, social network and competence on subjective well-being in later life. A meta-analysis", *Psychology and aging*, vol. 18, no. 4, pp. 896-905, 2000.
- [27] F. Novo, Para além da eudaimonia: o bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- [28] J. Almeida and J. Pinto, Teoria e investigação empírica nas ciências sociais. Lisboa: Editorial Presença, 2005, p. 384.
- [29] C. Coutinho, Metodologias de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática. Coimbra: Almedina, 2011.